

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Vassily Sinaisky direcção musical

27 Jan 2023 · 21:00 Sala Suggia

MADE IN GERMANY

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO ANO ALEMANHA



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION



Richard Wagner (versão de Lorin Maazel)

O Anel sem palavras (1853-74/1987; c. 70min)

- Excertos de *Das Rheingold* | *O Ouro do Reno*
Evocação das águas do Reno — Entrada dos Deuses no Walhalla —
Descida às grutas dos Anões ferreiros — Relâmpago de Donner
- Excertos de *Die Walküre* | *A Valquíria*
Olhar apaixonado de Siegmund — Siegmund e Sieglinde — Fúria de Wotan —
Cavalgada das Valquírias — Wotan despede-se da sua filha predilecta
- Excertos de *Siegfried*
Mime aterrorizado — Siegfried forja a espada mágica — Siegfried vagueia pela floresta —
Siegfried mata o Dragão — Lamento do Dragão
- Excertos de *Götterdämmerung* | *Crepúsculo dos Deuses*
Amanhecer, paixão de Siegfried e Brünnhilde — Viagem de Siegfried no Reno —
Hagen chama o seu clã — Siegfried e as Filhas do Reno —
Morte de Siegfried e marcha fúnebre — Imolação de Brünnhilde

Concerto sem intervalo.

Richard Wagner

LEIPZIG, 22 DE MAIO DE 1813

VENEZA, 13 DE FEVEREIRO DE 1883

O Anel sem palavras

(versão de Lorin Maazel)

Richard Wagner assumiu-se como uma figura de grande relevo na história da ópera, uma vez que a sua orientação reformista foi decisiva na emergência de uma nova concepção do género, tendo as suas ideias alcançado um impacto bastante alargado nas décadas subsequentes. Com a sua evocação da ascensão e colapso das civilizações, e recorrendo a uma concepção da arte de acordo com o princípio de *Gesamtkunstwerk* (“obra de arte total”), *Der Ring des Nibelungen*, teatralogia de que fazem parte *Das Rheingold*, *Die Walküre*, *Siegfried* e *Götterdämmerung*, é indubitavelmente uma das criações artísticas mais imponentes da cultura ocidental. A génese da obra remonta ao ano de 1848, quando o compositor elaborou um esboço em prosa intitulado *O Mito dos Nibelungos*, o qual seria substancialmente alargado nos anos seguintes, dando origem a um enredo que tinha as suas raízes na mitologia nórdica e germânica. O trabalho de composição musical decorreu essencialmente entre 1853 e 1874, tendo a estreia do ciclo integral ocorrido em Agosto de 1876, em Bayreuth, sob a direcção de Hans Richter.

Em 1987, Lorin Maazel (1930-2014), um dos directores de orquestra mais aclamados do seu tempo (foi inclusivamente o primeiro maestro americano a dirigir no Festival de Bayreuth, em 1960), produziu uma longa síntese sinfónica da obra, intitulada *Ring Without Words*. Estimulado pela menção de Wieland Wagner, neta do compositor, segundo a qual a componente orquestral da partitura formava

um subtexto subconsciente por trás de todo o drama, Maazel mergulhou na tarefa crendo que, de facto, a partitura orquestral conteria, de forma codificada, o conteúdo da própria tetralogia, e que, uma vez descodificada, essa partitura revelaria a sua dimensão lendária e filosófica em todo um mundo puramente sonoro. Apesar de ter sido concebida como um drama musical, para ser cantado, representado e encenado, de acordo com o referido princípio de *Gesamtkunstwerk* — o que, para alguns, tornou esse todo inviolável —, para Maazel, uma síntese sinfónica poderia de facto revelar esses códigos profundos. A iniciativa surgia ainda na sequência da prática dos excertos sinfónicos wagnerianos, que começou a estabelecer-se nas salas de concertos ainda durante a vida de Wagner, sendo que ele próprio chegou a dirigir em tais ocasiões. Esta compilação (um *pastiche*, para ser mais exacto) baseou-se no princípio de que a música deveria fluir sem pausas e em sequência cronológica, desde a primeira nota de *Das Rheingold* até ao último acorde de *Götterdämmerung*, recorrendo apenas ao material fornecido pelo próprio compositor. O desafio mais intimidante consistiu na selecção das passagens de transição mais adequadas nos momentos da partitura que se encontram entre os números orquestrais mais famosos.

A obra inicia-se com uma evocação das águas do Reno (o Prelúdio de *Das Rheingold*), de cujas profundezas ascende majestosamente, com o importante motivo das trompas, chegando a uma majestosa visão do Walhalla, o imponente castelo das divindades nórdicas (Cena 2). Em seguida, a música retrata a descida de Wotan e Loge até às grutas dos anões de Nibelheim (Cena 3), com a marcha tempestuosa desencadeada pelo martelo de Donner, que é aqui interpretado pelo trombone.

Uma grande detonação dos tímpanos transporta a obra para o início de *Die Walküre*, no quadro da tempestade que então acontece, e para uma recordação do episódio consolador entre Siegmund e Sieglinde: acalmada a intempérie, Sieglinde cuida de Siegmund dentro de uma cabana na floresta, cabendo a um solo de violoncelo representar o amor cada vez mais profundo e arrebatado entre ambos (final do Acto I). Depois de evocar a fúria de Wotan, causada pela desobediência da sua filha Brünnhilde, bem como o assassinio de Siegmund e Hundung (recorrendo ao Prelúdio do Acto II), tem lugar a “Cavalcada das Valquírias” (do início do Acto III), o momento em que as Valquírias transportam os heróicos guerreiros caídos para o Walhalla. Os excertos de *Die Walküre* terminam com alguma da música mais comovedora de toda a tetralogia, nomeadamente o episódio do Acto III em que Wotan abandona a sua amada filha Brünnhilde (“Despedida de Wotan”), retirando-lhe a condição de imortal e remetendo-a a um sono profundo envolta num círculo de chamas, do qual poderá ser despertada apenas por um verdadeiro herói (“Música do fogo mágico”).

Foi de *Siegfried* que Maazel extraiu o segmento mais curto da sua selecção. Após o som do receio do anão Mime perante as suas visões terríficas e o momento em que Siegfried forja a sua espada mágica (durante o Acto I), segue-se o episódio em que o jovem, perdido nos seus pensamentos, vagueia na floresta e contempla a beleza da natureza, ouvindo a canção do pássaro que lhe revela que uma bela adormecida o aguarda (Acto II, “Murmúrios da floresta”). A atmosfera serena é subitamente quebrada por dois momentos violentos (ainda no Acto II): o assassinato do dragão (Fafner disfarçado) e, por fim, o lamento de Fafner.

Por sua vez, *Götterdämmerung* foi a fonte de mais de metade da síntese sinfónica de Maazel. Do Prólogo, é evocada a longa sequência que retrata o nascer do Sol — na qual Wagner, com mestria, faz a orquestra viajar de um extremo ao outro do espectro da sua cor —, bem como a paixão entre Siegfried e Brünnhilde, ao que se segue a partida de Siegfried em busca de novas aventuras (“Viagem de Siegfried pelo Reno”). Intromete-se, inesperadamente, o episódio em que o rancoroso Hagen convoca os seus vassallos a pegar em armas (Acto II, Cena 3), seguindo-se o encontro entre Siegfried e as Filhas do Reno, que cantam docemente tentando convencê-lo a devolver o anel (Acto III, Cena 1). Esta sumptuosa viagem pela partitura wagneriana encerra com a recordação da morte do herói e do seu cortejo fúnebre (“Marcha fúnebre de Siegfried”) e, finalmente, com a “Imolação de Brünnhilde”, em que assistimos ao colapso do salão dos Gibichungs, à destruição do Walhalla, com os seus deuses moralmente falhados, regressando ao Reno o amaldiçoado anel.

LUI S. M. SANTOS, 2019

Vassily Sinaisky direcção musical

Vassily Sinaisky é um dos grandes maestros da escola russa, na qual se filiou através de Musin e Kondrashin. Tem dirigido e sido nomeado como maestro e director musical de algumas das mais importantes orquestras e teatros de ópera do mundo. É especialmente conhecido pela sua experiência e enquanto autoridade na música russa, e também pelas suas magistrais interpretações de repertório alemão e britânica, tanto sinfónico como operático, que deram origem a gravações aclamadas. Mais recentemente, ocupou o cargo de maestro titular e director musical do Teatro Bolshoi de Moscovo e, em Setembro de 2020, foi nomeado director musical da Filarmónica Janáček de Ostrava.

Vassily Sinaisky é maestro emérito da Filarmónica da BBC. Entre os projectos mais marcantes com esta orquestra incluem-se o festival “Shostakovich and his Heroes”, digressões na Europa e na China, e várias participações nos BBC Proms. Tem sido regularmente convidado para dirigir muitas das principais orquestras britânicas, entre as quais a Filarmónica de Londres, a Orquestra Escocesa da BBC e a Sinfónica Cidade de Birmingham — com a qual trabalhou em digressão recente pela Europa, com concertos em Paris, Frankfurt e Hamburgo.

Sinaysky é também maestro emérito da Sinfónica Nacional da Letónia e maestro honorário da Sinfónica de Malmö, e foi director musical e maestro titular da Filarmónica de Moscovo, maestro convidado principal da Filarmónica dos Países Baixos e director musical da Orquestra Estatal Russa. Tem sido requisitado por orquestras de todo o mundo, tais como a Filarmónica Checa, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Oslo, a Orquestra do Concertgebouw (em Amesterdão e no Festival de Lucerna), as Filarmónicas

de Seul e Hong Kong e as Sinfónicas de Cleveland, St Louis, Houston e Utah, entre outras. Em 2022/23, apresenta-se com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Filarmónica de Nagoya, a Filarmónica de Estrasburgo, a Sinfónica da Galiza e a Orquestra Nacional da Ilha de França na Philharmonie de Paris.

Enquanto maestro titular e director musical do Teatro Bolshoi, Vassily Sinaisky dirigiu aclamadas produções, tais como *O Galo de Ouro* de Rimski-Korsakoff (direcção cénica de Kirill Serebrennikov) e a primeira encenação em Moscovo d’*O Cavaleiro da Rosa* de Richard Strauss (direcção cénica de Stephen Lawless). Dirigiu também novas produções de *Iolanta* e *Francesca da Rimini* com Stephen Lawless no Theater an der Wien (Viena), *Boris Godunov* na Ópera de São Francisco, *Carmen* e *O Cavaleiro da Rosa* para a English National Opera, e *O Anjo de Fogo* e *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* com Hans Neuenfels para a Komische Oper Berlim.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Maria Kagan
Ilanina Khmelik
Andras Burai
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
José Despujols
Ana Luísa Carvalho*
Ana Pires*
Pedro Carvalho*
Raquel Santos*
João Sá*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Mafalda Vilan*
José Pedro Rocha*
Mariana Cabral*
Mariana Moita*

Viola

Mateusz Stasto
Isabel Pereira*
Sara Moreira*
Hazel Veitch
Jean-Loup Lecomte
Rute Azevedo
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva
Anna Gonera

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Irene Alvar
João Cunha
Michal Kiska
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Burak Özkan*
Ana Sofia Leão*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
João Seara*
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Margarida Rocha*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira
Pedro Silva*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa*
Luís Duarte Moreira*
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Bruno Rafael*
Hugo Carneiro
Pedro Fernandes*
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito
Dawid Seidenberg

Trombone

Severo Martinez
Diogo Andrade*
Nuno Martins
Joaquim Rocha*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé
José Afonso Sousa*

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Aroso*

*instrumentistas convidados

31 terça 21:00 sala suggestia **ciclo piano**

CHRISTIAN ZACHARIAS

obras de PIOTR ILITCH TCHAIKOVSKI e FRANZ SCHUBERT

Senhor de uma extensa e premiada discografia, o pianista alemão Christian Zacharias despede-se dos recitais a solo após uma carreira internacional notável que ao longo de mais de cinquenta anos o levou aos palcos mais prestigiados do mundo. Nesta ocasião tão especial traz na bagagem a *Sonata em Ré maior, D. 850*, de Schubert, compositor no qual é um reconhecido especialista, e ainda uma obra que representa uma estreia no seu catálogo enquanto intérprete, *As Estações* de Tchaikovski.

segundas 17:30 sala 2

14.º CURSO LIVRE DE HISTÓRIA DA MÚSICA

A viagem por mais um Curso Livre de História da Música tem início com o sinfonismo romântico alemão e visita em seguida o papel contracultural da música popular germânica na segunda metade do século XX.

06, 13 e 20 fevereiro

ROMANTISMO SINFÓNICO

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

